



Transição Agroecológica: Valorização da Mulher na Agricultura Familiar

RIBEIRO, Júlio C. P¹; TIBIRIÇÁ, Ariecha V. R²; REIS, Douglas R. I.

¹ UFV, juliocesarstuart@gmail.com; ² UFV, ariechavrt@gmail.com; UFV, douglaslopes.eafb@gmail.com

Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: A agricultura familiar e agroecológica vem sendo reconhecida ao longo dos anos por resgatar valores culturais e com isso a valorização da mulher rural, uma peça fundamental do desenvolvimento rural sustentável. É neste sentido que esse relato de experiência visa retratar a história de uma produtora rural do município de Ubá – MG, apresentando os desafios de criar uma família somada ao trabalho no campo mostra o contexto contemporâneo da transição agroecológica e seus benefícios. O relato é fruto de uma entrevista semiestruturada e de diálogo livre, onde os resultados visaram apontar mudanças do manejo convencional para o agroecológico, além de oferecer à sociedade um alimento seguro livre de resíduos nocivos à saúde e ao meio ambiente.

Palavras-Chave: Agricultura familiar, mulher rural, transição agroecológica.

Contexto

A agroecologia proporciona uma visão profunda que auxilia na compreensão dos mecanismos da natureza e suas funcionalidades por meio dos agroecossistemas. Além da visão agrônômica, estuda as dimensões ecológicas, sociais e culturais, contribuindo com os agricultores para menor dependência de insumos externos (ALTIERI, 2004). A agroecologia busca contribuir para o equilíbrio da natureza, conservar o solo, a biodiversidade e os recursos hídricos. Seus princípios buscam valorizar a forma diferenciada de produzir alimentos saudáveis para o consumo humano.

Descrição da Experiência

Origem da produtora

Senhora Marlene Pereira estudou até o 4º ano do ensino fundamental I e atualmente é produtora rural juntamente com seu esposo Sebastião Ribeiro, no município de Ubá-MG. Originária de família Italiana e com mais seis irmãos, desde criança trabalhou no campo para ajudar a família. Como cultura da época, estudar era privilégio para poucos. Sra. Marlene trabalhou na roça, cultivando fumo, milho, feijão e prestando serviços para a extinta usina São João em Visconde do Rio Branco - MG. Casou-se aos 23 anos com o Sr. Sebastião e mudou-se da comunidade Fazenda do Pombal município de Visconde do Rio Branco - MG, para comunidade córrego do Ubazinho no município de Ubá – MG onde continuou sua vida no campo, cultivando hortaliças. Nesta época o uso de agrotóxicos era usado sem nenhuma restrição, pois cultivava



tomate, pimentão, jiló, pepino, arroz, feijão. As hortaliças eram comercializadas por meio de atravessador, com volume semanal de aproximadamente 1,5 toneladas de produtos, mesmo assim, o lucro não era significativo.

Sra. Marlene é mãe de dois filhos que foram criados no sistema do campo e contribuíam nas atividades diárias da horta. A família foi convertendo as culturas de hortaliças-frutos para hortaliças folhosas por apresentarem fácil manejo, por ser um serviço mais leve e consumirem menos agrotóxicos. Desde então, o cultivo de hortaliças se tornou principal atividade da família.

Cultivo de convencionais hortaliças

Mesmo com a mudança de produção, alguns agrotóxicos ainda eram usados em menor escala, sendo o mais comum para combater pulgões (*Família Aphididae*), lagarta Rosca (*Agrotis ipsilon*), lagarta da couve (*Ascia monuste orseis*), mosca branca (*Aleyrodidae*) e formicidas para combater formigas. Na horta eram produzidos alface, almeirão, couve, mostarda e cebolinha. O solo era arado e gradeado sem a realização de nenhum tipo de rotação de cultura. Também não era feita análise do solo para verificar a disponibilidade nutricional. O uso de esterco bovino era comum além da complementação com adubos minerais sem nenhum critério técnico. Além do combate a determinadas pragas sazonais, o combate à plantas daninhas era o principal desafio, pois provocava 50% das perdas afetando a qualidade do produto final. Com a disponibilidade de alguns herbicidas seletivos, combater determinadas espécies invasoras junto às culturas de folhas largas como a alface exigia menos esforços. O objetivo na época era deixar a horta o mais limpa possível, livre de brachiária (*Brachiária decumbens*), Tiririca (*Cyperus rotundus L.*), Trapoeiraba (*Commelina benghalensis L.*), Pé-de-galinha (*Eleusine indica*) ou qualquer tipo de planta que produzisse sombra. Era difícil trabalhar em períodos de verão, pois a horta precisava ser irrigada de hora em hora para que as plantas não secassem devido ao solo estar diretamente exposta a radiação solar.

Virada Agroecológica

Conforme a agricultora relata, a aplicação de veneno na horta era realizada pelo seu marido e sem nenhum Equipamento de Proteção Individual (EPI). Eventualmente seu esposo comentava uma fadiga ou dor de cabeça após o uso, mas como as aplicações não eram frequentes não as associava ao uso de agrotóxicos. Sempre que terminava uma aplicação ela pegava um copo com leite para seu esposo, acreditando que o leite cortaria o veneno. Os danos causados pelo uso de agrotóxicos afetam não só trabalhadores rurais como o meio ambiente, contaminando recursos hídricos, solo e alimentos além de causar intoxicação em humanos e animais. Em regiões com alto consumo desse produto a incidência de casos de câncer é acima da média (BRASIL, 2019). Também se preocupava com seus dois filhos que estavam presente e ajudavam na horta, sempre que o pai iria pulverizar pedia para que os dois fossem



para casa. A dificuldade era obedecer ao período de reentrada na área pulverizada, o que era impossível, por ser cultura de ciclo curto e ter que trabalhar na área todos os dias. Dona Marlene também relata que às vezes perdia produção sem pulverizar veneno, mas não conhecia nenhuma forma alternativa que fosse eficiente no combate aos insetos ali presente, mas também não queria usar mais veneno na sua horta.

Conhecendo a agroecologia

Por volta de 2004 seu filho mais velho cursava o ensino médio e começara aprender sobre o ecossistema na biologia e a partir de então começou a aplicar algumas técnicas na propriedade sem conhecer o termo agroecológico ou orgânico. A partir disso, ele começou a pesquisar mais sobre o assunto e aplicar aos poucos, as técnicas na propriedade que foi ganhando um novo formato. No ano de 2013 seu filho participou da 84ª Semana do Fazendeiro na Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa-MG. Após realizar alguns cursos de controle de pragas e doenças, aprendeu como usar a calda de sabão neutro com óleo vegetal para combater pulgões, o que é usado hoje, e segundo a agricultora vem trazendo resultados satisfatórios, sem contaminação e sem interferir nas outras técnicas que emprega na lavoura. Além das entregas no mercado local a família participa do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e com o intuito de valorizar a mulher do campo, a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) foi feita em nome da Sra. Marlene.

Transição agroecológica

Com a iniciativa da EMATER – MG e o Banco de alimentos da cidade de Ubá – MG, em setembro de 2015 foi convocada uma reunião com os produtores que comercializavam no PAA para iniciar um projeto de transição agroecológica. Dona Marlene participa desde o início do projeto. Após apresentada a ideia do projeto, muitos produtores não quiseram participar, o que definiu um grupo de 15 participantes que iniciaram uma feira de agrotransição na cidade. Os produtores participam de treinamentos com técnicos da EMATER-MG (**Figura 1**) e convidados com o comprometimento de modificar as formas de cultivo na propriedade. Enquanto ocorrem as adequações, o grupo busca uma certificação por meio de uma OCS – (Organização de Controle Social). A propriedade de Dona Marlene já era privilegiada por dois motivos: primeiro pelo fato de seu filho já conhecer o sistema agroecológico e estar implantando as técnicas na propriedade e segundo, por ter participado de um curso oferecido pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Um curso oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba, em Agroecologia no ano de 2014, onde participou junto de seu esposo.



Figura 1. Oficina de capacitação na fabricação de caldas e biofertilizantes com os produtores da Transição Agroecológica ministrada por Fernando Tinoco.

Resultados

Com o relato apresentado sobre a vida de uma produtora rural, pode-se observar a importância do conhecimento aplicado no campo. Apesar dos produtores rurais seguirem uma tradição de como cultivar o solo, as tecnologias devem servir de complemento, associando conhecimento tradicional ao conhecimento técnico e científico.

Com o fato da busca de conhecimento técnico por seu filho a propriedade de Dona Marlene, hoje conta com produção de seus próprios insumos como, compostagem, biofertilizantes, produção do Bokashi, Microrganismo Eficientes (EM), rotação de cultura, também com a contribuição do PTA (Projeto de Transição Agroecológica). Além de aumentar e diversificar a produção, a horta possui uma barreira com bananeiras que forma sombra no corredor principal da horta, funciona como quebra vento e produz renda extra.

Em uma área de aproximadamente seis hectares, realiza-se o cultivo de milho com mandioca, alface com coentro, agrião, beterraba, cenoura, almeirão, couve, mostarda, salsa, manjeriço e cebolinha. Seu carro chefe é a rúcula e uma pequena criação de galinhas no sistema caipira. Dona Marlene comercializa seus produtos na feira de



agrotransição (**Figura 2**) realizada no pátio de entrada da feira livre tradicional da cidade. Atualmente são oito feirantes e entre estes seis são mulheres que comercializam seus produtos. Dona Marlene acorda aos domingos e quartas-feiras cedinho para organizar seus produtos para apresenta-los aos clientes, de forma satisfeita e contente. Desta forma a agroecologia promove mudança na vida das pessoas, tanto de quem produz quanto de quem consome.



Figura 2. Dona Marlene expondo seus produtos na feira.

Agradecimentos

Os autores agradecem a produtora Sra. Marlene Pereira e sua família, a EMATER – MG e Banco de Alimentos da Prefeitura Municipal de Ubá-MG, ao Projeto de Transição Agroecológica (PTA), bem como ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. ed. Porto alegre: UFRGS, 2004. 113 p.

BRASIL. **Agrotóxicos**, Instituto Nacional de Câncer. Ministério da Saude, jun 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/alimentacao/agrotoxicos>>.